

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Poder feminino em Angola: uma análise a partir do Sul e de Luanda¹

Washington Santos Nascimento² 

RESUMO

Este trabalho analisa os primeiros resultados de dois projetos de pesquisa, que acontecem de forma articulada, sobre as diferentes dimensões do feminino e de “gênero” no território que hoje corresponde a Angola. Percorrendo uma ampla temporalidade, mas com uma concentração maior no século XX, fazemos usos de documentos arquivísticos e visuais para evidenciar o poder das Eehamba (governantes) do Sul e as cantoras de Luanda. Teoricamente dialoga com a produção de Rita Segato, Patricia Hill Collins e Bel Hooks.

Palavras chave: Educação antirracista. Pedagogia Decolonial. Relações étnicas

No território que hoje corresponde a Angola, o debate sobre papéis femininos é anterior a chegada dos europeus. Assiste-se em toda região um

¹ Texto apresentado na mesa redonda “Sociedades, Poder Feminino, Culturas e Racismos: Angola e Moçambique” do XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE) da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Campus Jequié, ocorrida entre 20 e 23 de março de 2025. A pesquisa que resultou neste texto contou com recursos do Prociência (FAPERJ) e do Jovem Cientista (FAPERJ).

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP (2013). Mestre em Ciências Sociais: Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2008). Especialista em Memória, História e Historiografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2006). Especialista em Educação Superior pelas Faculdades Internacionais de Curitiba FACINTER (2004). Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2003). Leciona no Ensino Superior desde 2004 em universidades e faculdades da Bahia (UESB e FTC), São Paulo (UBC, UNINOVE, FACEQ, SUMARE...) e Rio de Janeiro (UERJ) nos cursos de graduação e pós-graduação. Entre 2011 e 2012 foi editor da Revista Educação, Gestão e Sociedade (ISSN 2179-9636). De 2013 a 2014 foi diretor geral da Faculdade Eça de Queirós em Jandira/SP. Desde 2015 é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), lotado na área de Moderna e Contemporânea, na sub-área de História da África. É também editor da Revista Odeere (ISSN 2525-4715) e professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em História (UERJ) e Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Coordena o grupo de pesquisa interinstitucional Áfricas UERJ - UFRJ e é membro da coordenação executiva da Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEAFRICA). E-mail: washingtonprof@gmail.com



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

debate, com maior ou menor intensidade, sobre as funções a serem exercidas pelas mulheres. O caso mais conhecido é o de Njinga Mbandi que subverteu o “patriarcado de baixa intensidade” existente no atual norte do território e com sua inteligência política se colocou como uma figura política de significativo relevo no século XVII.

O conceito de "patriarcado de baixa intensidade" foi desenvolvido pela pesquisadora argentina/brasileira Rita Laura Segato e diz respeito as estruturas de poder e relações de gênero presentes em sociedades pré-coloniais e indígenas, antes da presença europeia. Segundo ela, nestas sociedades já havia uma organização patriarcal, de baixa intensidade, ainda que diferente da ideia de gênero ocidental, com estruturas mais flexíveis e mesmo contando, em alguns casos, práticas transgênero (SEGATO, 2012).

Para Angola tendo a imaginar que o comércio de africanos escravizados, e a perspectiva eurocêntrica e masculina trazidas pelos comerciantes, que entendiam que apenas os homens eram os interlocutores autorizados, tenha tornado ainda mais desfavorável para o feminino local. Observando esse processo de forma mais ampla, o comércio de africanos pelo atlântico, que provocou em diferentes sociedades africanas mudanças profundas na estrutura social substituindo por exemplo distinções baseadas em senioridade por outras de gênero. Estas mudanças foram ainda mais acentuadas quando da territorialização do colonialismo europeu, em fins do século XIX e primeira metade do século XX (AMADIUME, 2001 e OYEWUMI, 2021).

Em uma situação colonial, de profunda opressão por parte de um poder metropolitano sobre setores da população da colônia, as mulheres por estarem já em uma situação de vulnerabilidade social são aquelas que mais sentem os efeitos do colonialismo. Para entender esta situação pretendemos neste capítulo trazer



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

um olhar amplo e panorâmico sobre a vida das mulheres no sul e sudoeste de Angola, através de um estudo de caso sobre as mulheres Ovakwanyama (um dos povos Owambo) do sul de Angola, na divisa com a atual Namíbia, de fins do século XIX e início do XX e as vozes femininas da música urbana angolana da segunda metade do século XX.

As mulheres Ovakwanyama

As mulheres Ovakwanyama eram o centro daquela sociedade, exercendo o controle sobre seus membros, bens materiais, e produção agrícola. Quando os homens partiam para operações militares, saíam em viagem para comercializar determinados produtos ou se empregavam como trabalhadores em minas alemãs do norte da Namíbia ou mesmo em atividades desenvolvidas por portugueses no planalto da Huíla, as mulheres assumiam o controle total dos eumbos, a “casa coletiva”.

Para explicar a importância delas para o povo Owambo há um mito de origem contado pelos mais velhos e que foi registrado pelo Padre Kelling entre finais do século XIX e início do XX e que relata ter chegado naquela região uma “uma mulher toda coberta de chagas, parecendo já velha”, vinda do território dos Nkhumbi, sendo que os Ovakwanyama da região do Evale tiveram compaixão dela, onde um curandeiro tratou de suas feridas:

Então viu-se que era uma mulher nova, forte, e tinha o segredo da chuva. E, de facto, ela fez cair muita chuva na terra dos evales. O soba tomou-a para esposa e teve dela muitos filhos. Quando morreu sucederam-lhe os filhos que desta mulher tivera. Chamam-se “vakuatondua” porque a mãe deles tinha sido desprezada (okuatonda: desprezar), em toda parte (KEILING, s.d. p. 141-142).

A fala revela a importância da mulher pois ela tinha o poder mais importante daquela região, o segredo da chuva (NASCIMENTO, 2024). Além disso



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

evidencia os entrelaçamentos dos povos Ovakwanyama situados no Humbe e em Evale, que se corresponderem as atuais regiões estão separadas por aproximadamente 170 quilômetros, tendo Odjiva no meio do caminho. A mãe primeira Aakwaniilwa (Ohamba ou "rainha") teria sido Niilwa. Ela aparece em diferentes histórias de fundação contadas pelos povos Ovambo, demarcando desta forma o caráter matrilinear, mas também do poder naquelas sociedades.

O papel feminino era tão fundamental que somente depois que elas aceitaram a presença de missionários, eles se instalaram efetivamente na região em meados do século XX. Os missionários alemães só depois de trinta anos de presença efetiva na região, datado de 1840, é que conseguiram algum êxito em seu processo de evangelização, depois da conversão e batismo de uma "velha e fidalga dama", logo seguida por centenas de pessoas (NASCIMENTO, 2020, p. 77).

Muitas destas mulheres acumulavam pecúlio e eventualmente se davam ao luxo de adquirirem produtos europeus. Em 1900 por exemplo a mãe do Ohamba (chefe local) Nande, Ndatiolye ya Hangula ("Nda Kioli"), encomendou do padre Lecomte missangas que seriam pagas com seus bois. Segundo padre: "[...] o principal, diz a Rainha, é que venham muitas com que eu possa tecer uma cinta que me caia até aos joelhos. Ficarei assim linda, lindíssima!" (LECOMTE, s/d, p.33). Além de comprar elas eram presenteadas pelos missionários que desejavam se estabelecer na região. Em 1910, Anyagha, prima de Nande, recebeu presentes do bispo: "[...] recebeu o presente que lhe entreguei em nome do Governo Portugues, dignando-se de ter nesse momento uma frase finamente espirituosa e lisonjeira. – Ah! Exclamou ela, agora já não podem dizer que sou pobre!" (MARTINS, 2015, p.16).

Apesar de atuarem como intermediárias havia o receio dos Ohama com os abusos cometidos pelos europeus com as mulheres locais, por isso em diferentes acordos feitos entre os Ovakwanyama e estrangeiros (como portugueses e



UESB



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

alemães) um dos pontos acordados é de que os soldados portugueses não deveriam se relacionar com as mulheres locais. Em 1909 o Major Artur de Moraes consegue a aprovação do Ohamba Nande para instalar um forte militar no seu território, mas com uma condição: “Que consentia que fosse para junto da embala um representante de Muene-Puto [refere-se ao Rei de Portugal, é uma expressão aportuguesada do kimbundu], mas que tinha receio que fossem soldados, não fossem eles meter-se com as mulheres, pois metendo-se com elas o povo ficava zangado.” (MORAES, 2007, p.149-150).

Uma outra questão importante de se destacar em relação as mulheres Ovawanyama era a sua liberdade sexual, depois da efandula, que chocaria os missionários europeus presentes na região. A efundula, a festa da puberdade das mulheres jovens, era central para a definição de identidade feminina. Ele legitimava a idade adulta das mulheres, a sexualidade e a fertilidade. Tratava-se de um longo processo de preparação para a feminilidade que começava no início da infância, culminando na transição para o início de sua vida sexual plena (BECKER, 2005, p.46). Depois deste processo de iniciação, podia ter relações com homens e ter relações consideradas como “extraconjugais” pelos missionários caso os homens se afastassem por algum tempo, além disso os divórcios/separações eram comuns. Em 1909, um relatório da Sociedade Missionária da Renânia, presente na região, informava aos superiores que das dez mulheres mais velhas na localidade, nove tiveram uma sequência de maridos, variando de três a seis. (BECKER, 2005).

O missionário alemão August Wulfhorst, em seus relatórios destacavam a liberdade sexual da mulher Ovakwanyama, muitas delas tiveram relações sexuais com homens “casados” e outras tinham um “noivo” com quem mantinham relações como se fossem já casadas, com o conhecimento e anuência dos pais.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

(BECKER, 2005, p.46).

É claro que a presença missionária na região trouxe um profundo impacto para as mulheres e a sociedade Ovakwanyama como um todo, os missionários propuseram novas definições de feminilidade e masculinidade, gênero e sexualidade, introduzindo também ideias exógenas como as noções de pecado e moralidade, levando algumas das lideranças como Mandume (1911 – 1917) a fazerem uma intervenção neste processo, assegurando o direito das mulheres tradicionalmente concebidos (MARTINS, 2015).

Mesmo antes de Mandume, os quimbandas usavam seu prestígio junto aos Ohamba (governantes locais) para tentar impedir que as mulheres fossem para as missões religiosas europeias, visto que convertida a novos preceitos religiosos e sociais poderiam causar um desequilíbrio naquela sociedade (MARTINS, 2015, p.11). Entretanto é difícil imaginar que elas não tivessem sido impactadas quando da chegada destas ideias sociorreligiosas na região, sobretudo aquelas que foram educadas dentro (ou no entorno) das missões religiosas.

Elas se mantinham relativamente afastadas das guerras empreendidas pelos Ovakwanyama. As fontes mais antigas, ao que parecem em todo o Owambo, colocam a guerra enquanto uma preocupação masculina, como demonstram uma série de brincadeiras infantis ensinadas as crianças desde a mais tenra idade. O que não quer dizer que as mulheres eventualmente não participavam (BECKER, 2003, p.55). É fato mais do que conhecido, como mostram alguns relatórios europeus, que elas eram parte importantes na logística da guerra e alguns momentos iam também para a frente de batalha (COSTA JUNIOR, 1921).

Em linhas gerais os europeus descrevem os cargos de Ohamba como sendo prioritariamente masculinos, o que não é verdade, havia muitos eehamba mulheres. Pesquisadoras como Anne McClintock (2010) mostra como o



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

imperialismo em África constituiu-se enquanto um fenômeno essencialmente masculino e dominador, e que os relatos feitos deste processo ressaltam tais enquadramentos (MCCLINTOCK, 2010).

Muitas destas mulheres assumiram o posto de Ohamba, governando oshikandjo ("distritos") dentro do território Ovakwanyama como Nekoto la Mwaeshange (Oiheke), Hipondoka ya Nyanya (Olukango), Ndatiolye ya Hangula, Hanyangha y Hamutenya (Oukwangali), Ndilokelwa ya Shihepo (Oongo) e Ndavavele (Elala) (SHIWEDA, 2011. p.246).

Ndatiolye ya Hangula ("Ddatioli") que segundo o padre Killing, era mãe de Weyulu, Auficu, Nande e Hamálua, governou a região de Oukwangali. (KEILING, s/d, p.148). O Padre Génié, ao chegar na região Kwanyama em 1900 para tentar reabrir a missão religiosa, preferiu se instalar próximo de Ddatioli e não de Weyulu (chamado por ele de Eyulu) como relata o Padre Keling:

Era neste tempo sobra grande do Cuanhama um homem que sabia impor, chamado Eyulu e que acolheu os missionários com todos os sinais de carinho e amor, que se podiam esperar: mas o Pe Génié preferiu ir-se instalar longe da embala, num lugar chamado Matadiva, que era governado por uma Amazona, chamada Ddatioli (KEILING, s/d, p.148).

Mesmo com todas as qualidades de Weyulu, o Padre Génié preferiu a segurança dada por Ddatioli, o que mostra o quanto ela era poderosa. Constituíam-se prática comum dos europeus, sempre que possível, construir suas instalações (moradias, escolas, casas comerciais, igrejas...) próximo das habitações das mais altas individualidades africanas, pois acreditavam que estariam estrategicamente mais protegidos. Sua morte, 3 anos depois, em 1903 vai fazer com que o padre se sinta vulnerável frente a comunidade local, inclusive um de seus filhos Hamálua.

Hipondoka ya Nyanya governava a região de Olukango (denominada pelos portugueses como Otoquero). Em 1906 os portugueses em missão pela região



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

assim a descrevem:

Bivacamos [* instalamo-nos] debaixo de uma figueira a uns 200 metros da libata da Ipadoca (avó do soba). Alguns momentos depois de chegarmos fomos convidados a visita-la, visto ela não poder já sair, dos seus aposentos de família real. [...] a mulher é velhíssima e quase não deu pela nossa estada. Estava deitada sobre uns troncos de madeira, com a cabeça apoiada numa cabaça cortada ao meio e rodeada de várias mulheres e mucandonas (raparigas solteiras). Quem nos recebeu foi o homem dela³.

Para mostrar seu poder Ipadoca deixou os portugueses esperando algum tempo, “Não se levantaram á nossa chegada. Fizeram-nos esperar algum tempo no limiar da porta da entrada do recinto onde estavam olhando para nós com certa insistência e ar desdenhoso”⁴. Os portugueses deram presentes a Ipadoca, além disso aguardante para os homens que estavam próximos. Mas não receberam nada em troca, tendo eles também que pagar pelo uso da água das cacibas próximas a libata da soberana.

Nekoto foi “tia avó” de Mandume e como veremos mais a frente, responsável por protege-lo dos possíveis atentados a sua vida feitos a mando de Weyulu e Nande, de quem também ela era tia. Ela exercia, segundo os missionários luteranos alemães que trabalhavam na região entre os anos de 1891 e 1915, uma grande influência sobre seus “sobrinhos” e “sobrinhas” (SHIWEDA, 2011, p.246). Além disso coube a ela a organização da presença destes missionários em território Ovakwanyama (BECKER, 2003, p.53).

Como qualquer outra mulher Ohamba, Nekoto teve o privilégio de escolher seu marido. Quando um de seus maridos, Haishi, morreu ela escolheu Mwoombola, um homem rico e já casado, tendo ele então que separar-se de suas esposas para ficar com ela. O papel do marido de uma Ohamba era realizar e supervisionar

³ Missão, Seção Benguela, Caixa 156. 1906 Arquivo Nacional de Angola.

⁴ Missão, Caixa 156, Benguela. Arquivo Nacional de Angola



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

todas as ordens ao redor do território comandado por sua esposa. No entanto, não tinha voz na tomada de decisões, embora se diga que, eventualmente algum destes maridos, como Haishi, que tentou agir de forma mais independente (SHIWEDA, 2011, p. 246). Os missionários diziam que quando a Ohamba morria, seu marido também seria morto para fornecer companhia a ela no outro mundo (SHIWEDA, 2011, p. 247). Não encontrei em nenhuma das minhas fontes relatos de tal maridicídio, talvez fosse uma morte ritual.

Havia mulheres que não eram Eehamba, mas que eram igualmente poderosas, atuando como omalenga ou no caso das mães dos governantes tinham um poder decisório muito significativo, atuando em conflitos graves e nos momentos de sucessão (BECKER, 2003, p. 52.).

A existência destas eehamba, não era uma especificidade dos Ovakwanyama, povos Nhanyeka e Humbi também tinham entre suas lideranças soberanas. Em 30 de maio de 1908, o comandante militar do quartel dos Gambos, da região vizinha da Huíla informa ao governo central em Luanda que na região do Mukere havia gente "pouco submissa" e que eram governados por Boangala, "[...] uma mulher fida como principal mandante do lugar", cujo filho Kamakora, pretendia tomar o sobado dos Gambos⁵. São exemplos de que além de exercerem um papel importante na sociedade, não era comum assumirem também papéis políticos de destaque em regiões que não só a Ovakwanyama.

Naquele espaço social havia uma relação de complementaridade e não oposição entre os papéis femininos e masculinos. Ao desequilíbrio trazido pelos missionários, Mandume se opôs buscando reequilibrar esta relação, e quando este foi deposto coube a Andanga, tia de Mandume, o papel de mais uma vez buscar

⁵ Relatório do Administrador dos Gambos, 1908, Seção Huíla. Arquivo Nacional de Angola.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

o equilíbrio entre aqueles atores sociais, assumindo o papel de Ohamba.

Saindo do universo rural de fins do século XIX e início do século XX. A seguir falarei da presença feminina na música urbana de Angola, em meados do século XX.

Vozes femininas

O movimento que dá origem a música urbana em Angola é lido como predominantemente masculino. Esse não é um problema ligado somente à história da música urbana, mas a historiografia angolana contemporânea como um todo tem os homens como ponto de partida e/ou elemento de referência.

Em relação à luta anticolonial, livros clássicos como os de Tali, Bittencourt e Mateus e Mateus pouco ou nada falam das mulheres. (TALI, 2001; BITTENCOURT, 1999 e 2008 e MATEUS & MATEUS, 2007). Mesmo em meu livro, a presença masculina foi substancialmente maior do que a feminina. (NASCIMENTO, 2020). Elas estão sempre na margem. Uma das respostas que posso dar ao porquê disso é que essa historiografia nascida dentro e fora de Angola, que se preocupa com explicar a ideia de nação, acaba por lidar com relações de poder na sociedade angolana que colocam a memória e oralidade como atributos masculinos, bem como com documentos dos diferentes movimentos políticos existentes (MPLA, UNITA, FLNA) que acabaram por marginalizar as mulheres na luta de frente da guerra anticolonial.

A exceção nesses escritos é Deolinda Rodrigues, mas muito por causa dela, que desafiou a ordem dominante explorando diferentes papéis de gênero, rompendo com valores de feminilidades pré-construídos e passando a usar atributos tidos como masculinos, como força, coragem, autoridade, bravura e violência, para se fazer respeitada. (PAREDES, 2015. p. 120). De certa forma, a personagem Deolinda se impôs sobre a historiografia.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Mas essa não é uma realidade apenas para os estudos que se dedicam ao século XX; ainda que uma personagem como Jinga Mbandi, do século XVII, também tenha se imposto, a história das mulheres guerreiras morreu com ela, como se não houvesse outras gingas.⁶ Um exemplo do que estou dizendo são as atas do III Encontro Internacional de História de Angola, que pode ser lida com a obra que mais dá conta da história local, composta por pesquisadoras e pesquisadores angolanas e angolanos de diferentes partes do mundo. Dos 74 textos escritos para a coletânea, há apenas um único texto, da pesquisadora brasileira Mariana Candido, intitulado “Gênero, classificações e comércio: as donas de Benguela, 1790-1850”, e “meio texto” da norte-americana Linda Hamilton, em que sua escrita reflete sobre as histórias do “rei do Kongo” e da “rainha Jinga” em Angola e no Brasil, ou seja, menos de 1% de todas as reflexões feitas nos dois volumes destas obras que contêm aproximadamente 1.500 páginas se atém a uma reflexão sobre gênero e mulheres.

Felizmente, os trabalhos de Dya Kasembe, Rosa Melo, Cesaltina Abreu, Florita Telo, Margarida Paredes, entre tantas outras intelectuais angolanas e estrangeiras, têm enfatizado o quão é central para o entendimento desta Angola contemporânea a reflexão sobre gênero, mulheres e feminismo.⁷ No que se refere

⁶ Mariana Fonseca mostra em sua tese, depois publicada como livro, a existência de outras gingas. FONSECA, Mariana Bracks. *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

⁷ KASEMBE, Dya. *As mulheres honradas e insubmissas de Angola*. 2. ed. Luanda: Editora Mayamba, 2010; *Idem*. *Os amores das Sanzalas*. Luanda: Nzila, 2006; *Idem*. *Cartas para maridos temerários*. Luanda: Nzila, 2007; *Idem*. *Cartas, recados e desabafos*. Luanda: Editora Mayamba, 2014; CHIZIANE, Paulina (Org.). *O livro da paz da mulher angolana: as heroínas sem nome*. Luanda, Angola: Nzila, 2008; MELO, Rosa Maria Amélia João. *De menina a mulher: iniciação feminina entre os Handa no sul de Angola*. Lisboa: Ela por Ela, 2005; *Idem*. *Homem é homem, mulher é sapo: gênero e identidade entre os Handa no sul de Angola*. Lisboa: Colibri, 2007; TELO, Florita Cuhanga António. *Angola. A trajetória das lutas pela cidadania e a educação em Direitos Humanos*. Luanda: Mayamba. 2022; PAREDES, Margarida. *Combater duas vezes, op. cit.*, p. 120.



UESB



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

ao campo da história da música urbana, Moorman em seus diferentes textos mostra-se também inquieta, sempre se perguntando “onde estão as mulheres?”. (MOORMAN, 2004 e 2008). De igual maneira, ao analisar a cena musical do Congo (atual RDC), Evelyn Nascimento se pergunta o porquê do cenário de formação e consolidação da rumba congoleza (que pode ser comparável ao Semba) ser tido como predominante masculino, por que as mulheres, ainda que fundamentais, foram marginalizadas e silenciadas? (NASCIMENTO, 2021). A resposta, como já aponte, está na própria historiografia “nacional” africana que acabou por relegar a segundo plano a importância feminina.

Essa inquietação foi que acabou me levando a pensar o papel de Lourdes Van-Dúnem e Belita Palma na formação e no desenvolvimento do Ngola Ritmo, bem como nas vozes femininas em Angola deste período. A importância dessas mulheres não é só musical, mas também política, como se pode perceber na mensagem da delegação do MPLA à conferência das mulheres da África Ocidental, datada de 21-28 de julho de 1961, na qual se ressalta que aquela era a primeira vez que a mulher angolana tinha a oportunidade de se dirigir às suas irmãs africanas, ressaltando a importância da resistência das mulheres desde a rainha Jinga, das diferentes opressões e reações:

Longe de se deixar enfraquecer o povo de Angola organizou-se em movimentos clandestinos.

Os jovens Angolanos manifestaram-se inicialmente no plano cultural. A mulher jogou o seu papel participando por exemplo no grupo africano Ngola Ritmos, que se dedicava a renovar o folclore angolano.⁸

Esse mesmo documento do MPLA também faz referência à única mulher presa no chamado Processo dos 50, no qual boa parte dos integrantes do Ngola

⁸ MENSAGEM à Conferência das Mulheres da África Ocidental. In: LARA, Lúcio. *Um amplo movimento...*, op. cit., p. 130-134.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

também estavam presos. Trata-se de Maria Julieta Guimarães Gandra (Julieta Gandra). Portuguesa de origem, como médica se mudou para Angola, atendendo na baixa e no musseque, sobretudo no clube de Futebol Botafogo como já tinha informado antes. Em sua casa realizavam-se as reuniões do MLNA. Era encarregada de organizar e dirigir células políticas voltadas para as mulheres. (CHASSE, 2012, p.168). Ela é presa, tal qual os membros do Ngola, no ano de 1959, por “crime contra a segurança exterior do estado” e condenada a quatro anos e meio de prisão e perda dos direitos políticos por 15 anos. (CHASSE, 2012, p.168-169).

A primeira voz feminina do Ngola Ritmos foi Sara Chaves (SILVA, 2010). Nascida em Santo Antônio do Zaire (atual Soyo), Norte de Angola, frequentou, tal qual Liceu, o Liceu Salvador Correia em 1942, cantando nas festas músicas de Garda e seu conjunto. Sua história mostra como a precursora Garda teve um papel fundamental para inspirar novas mulheres a entrar no universo da canção urbana.

Em 1947, Sara fez parte da Companhia Teatral De Tanga.⁹ De Tanga foi um dos grupos teatrais mais bem-sucedidos em Angola em meados do século XX. Fundando em 1947, por Arténio Alegria Vidal e Artur dos Santos Barbosa, teve como primeira produção o espetáculo *De tanga*, composto por dois atos e nove quadros.¹⁰ A primeira apresentação do grupo ocorreu no Nacional Cine Teatro em fevereiro de 1948, com um grande número de atrizes e atores amadores e profissionais, alguns oriundos da Rádio Clube de Angola, o que mostra o trânsito desses artistas entre a música, o teatro e o rádio.

Além de atriz, Sara Chaves atuou como compositora de algumas das canções encenadas pelo “De Tanga”; é de sua autoria, por exemplo o fado

⁹ (SILVA, 2010).

¹⁰ SANTORUM, Andrelise Gauterio. *Palcos do império: o teatro português em Angola durante o Estado Novo (1930-1950)*. Tese (Doutorado em História) — Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. p. 158.



UESB



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

intitulado “Minha Luanda”, que foi apresentado, como um número musical, em abril de 1948 no Nacional Cine-Teatro em Luanda.¹¹

Em 1953, Sara Chaves estreia como a voz feminina, ainda de forma experimental, naquela que se tornaria anos mais tarde a Emissora Oficial de Angola.

O Trio Feminino

Belita, Lourdes e Conceição Legot fundaram, em 1957, o Trio Feminino. Trata-se do primeiro grupo exclusivamente formado por mulheres da história da música de Angola.¹² Nesse conjunto, além de cantar, as mulheres tocam instrumentos, o que consistia em uma grande novidade para a época, na qual as mulheres, quando muito, eram “apenas” intérpretes. Belita nos tambores, Conceição Legot na guitarra e Lourdes Van-Dúnem na *dikanza*.¹³

Segundo José Weza, o Trio Feminino rompeu com o tabu que associava apenas a mulher ao lar, surpreendendo as famílias mais conservadoras da época (WEZA, 2007). Elas ensaiavam na casa de Conceição, gravando algumas músicas na então Rádio Clube de Angola. Em sua época era o único do gênero em toda a Angola. Mas infelizmente o grupo acabou quando Conceição saiu de Angola, perseguida pela PIDE.¹⁴

O que explica o fim dos trios femininos, se deve também ao surgimento de uma cena *club* nas décadas de 1960 e 1970 que acabou por marginalizar as mulheres como produtoras culturais. Além disso, elas estavam em um tipo de

¹¹ *Ibidem*, p. 478.

¹² CONCEIÇÃO Legot. Disponível em: <http://www.redeangola.info/especiais/conceicao-legot/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ JORNAL DE ANGOLA. *Notícias: Tributo ao conjunto Nzaji de José Eduardo dos Santos* Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=380539>. Acesso em: 17 jul. 2024.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

sociedade que associava o trabalho feminino nos clubes, como cantoras, produtoras, instrumentistas..., com prostituição, embora a sua presença como público e nas letras musicais ateste sua contínua importância. (MOORMAN, 2008, p. 95-96).

Palavras finais

A luta pela independência em Angola tinha começado em 1961 e por mais que não houvesse tantos conflitos armados dentro de Luanda, é neste cenário que o equilíbrio de gênero começa a pender para o lado masculino, se acentuando ainda mais depois da independência, pois, como mostra Kathryn Woodward, a identidade nacional é marcada pelo gênero, ou seja, ela está ligada a concepções militaristas de masculinidade. Nesse sentido, os homens acabam construindo posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si mesmos como ponto de partida e referência. As mulheres são assim as mães, as esposas, as namoradas... estão em uma periferia cuja centralidade é a figura masculina. (WOODWARD, 2014. p. 10-11.) A ideia de nova nação, moderna, do “homem novo”, como a próprio nome já deixa explícito, é masculina. OWEN, 2007.

Grande parte destas mulheres, de Luanda, pertenceu à elite letrada local; por essa razão, tiveram acesso à escolarização formal, o que não era comum naquele contexto histórico. Ainda que esse ensino estivesse em mãos das escolas missionárias, cujo principal objetivo eram produzir “boas mães”, o acesso ao letramento e os trânsitos de ideias entre os diferentes alunos e alunas daquela cidade cosmopolita com certeza se tornam elementos importantes em seu processo formativo. Além disso, elas subverteram o perfil esperado da “mulher angolana” como mãe, genitora e ligada ao lar. Eram compositoras, cantoras, locutoras de rádio, perturbando, assim, o que Patricia Hill Collins para o contexto norte americano chama de “imagens de controle”. (COLLINS, 2019). São mulheres em



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

movimento que vão influenciar as gerações futuras.

A forma como todas essas mulheres, do sul rural, ao norte urbano, se “colocaram de pé” para lidar com o machismo da sociedade angolana, desenvolvendo estratégias de sobrevivência e protagonismo, precisa ser partilhada com outras mulheres, pois como lembra bell hooks, “a negra que passa por tudo isso e se descobre tem em mãos a chave da libertação” (hooks, 2017. p. 160).

Referências Bibliográficas

AMADIUME, Ifi. **African Women**: Voicing Feminisms and Democratic Futures. Macalester International, Minnesota, United States, v. 10, n. 9, 2001.

BECKER, Heike. Women, Politics and Peace in Northern Namibia In: **Women and Peace in Africa**. Paris: UNESCO Workshop, 2003.

BECKER, Heike. Efundula: Women's Initiation, Gender and Sexual Identities in Northern Namibia.” In **Re-Thinking Sexualities in Africa**, edited by Signe Arnfred, 35–58. Uppsala: Nordiska Afrika Institutet, 2005.

BITTENCOURT, Marcelo. **Dos jornais às armas**: trajetórias da contestação angolana. Lisboa: Vega, 1999. v. 1.

BITTENCOURT, Marcelo. **“Estamos juntos!”**: o MPLA e a luta anticolonial (1961-1974). Luanda: Kilombelombe, 2008. 2 v.

CHASSE, Fernando Hedvigés (Fernando Correia). **O Processo dos Cinquenta**: tempo e memória (1940-1962) — considerações históricas. Luanda. Rollo e Filhos, 2012.

CHIZIANE, Paulina (Org.). **O livro da paz da mulher angolana**: as heroínas sem nome. Luanda, Angola: Nzila, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. Mammies, matriarcas e outras imagens de controle. In: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.



UESB



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

CONCEIÇÃO Legot. Disponível em:
<http://www.redeangola.info/especiais/conceicao-legot/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

COSTA JUNIOR, José Ribeiro. **Serviços administrativos na campanha do Sul de Angola em 1915**. Lisboa : Edição do Boletim de Edição do "Boletim de administração militar", 1921.

culturais através da rumba congoleza (1940-1965). Tese (Doutorado em História Social da Cultura) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

D. JOÃO, Bispo de Angola e Congo, Visita pastoral do Bispo de Angola, Humbe – Dongoena - de 06 a 16 de Setembro de 1910, Além Cunene - Cuanhama – de 20 de Setembro a 07 de Outubro de 1910, Diocese de Angola e Congo, Visitas Pastoraes, em 1910, Loanda, Imprensa Nacional de Angola, 1912.

FONSECA, Mariana Bracks. **Ginga de Angola**: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017. p. 160.

JORNAL DE ANGOLA. Notícias: Tributo ao conjunto Nzaji de José Eduardo dos Santos Disponível em:
<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=380539>. Acesso em: 17 jul. 2024.

KASEMBE, Dya. As **mulheres honradas e insubmissas de Angola**. 2. ed. Luanda: Editora Mayamba, 2010.

_____. **Os amores das Sanzalas**. Luanda: Nzila, 2006.

_____. **Cartas para maridos temerários**. Luanda: Nzila, 2007.

_____. **Cartas, recados e desabafos**. Luanda: Editora Mayamba, 2014.

KEILING, Luís Alfredo, Monsenhor. **Quarenta anos de África**, Fraião – Braga, Edições das Missões de Angola e Congo, (s.d.),

MARTINS, Isildo Gouveia. Cuanhama: estratégias internas e prelúdio da perda da sua autonomia (1900-1915), **Mestrado em História na especialidade de História de África**, Universidade de Lisboa. 2015.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. **Purga em Angola**: Nito Alves, Sita Valles e Zé

Van-Dunem; o 27 de Maio de 1977. Lisboa: ASA, 2007

MELO, Rosa Maria Amélia João. **De menina a mulher**: iniciação feminina entre os Handa no sul de Angola. Lisboa: Ela por Ela, 2005.

_____. **Homem é homem, mulher é sapo**: gênero e identidade entre os Handa no sul de Angola. Lisboa: Colibri, 2007;

MOORMAN, Marissa. Dueling bands and good girls: gender, music, and nation in Luanda's musseques, 1961-1974. **International Journal of African Historical Studies**, Boston, v. 37, n. 2, p. 255-288, 2004.

_____. **Intonations**: a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Athens: Ohio University Press, 2008

MORAES, Artur de, Major, **Memórias de Angola**, 2ª edição, Casal de Cambra, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, AS.

NASCIMENTO, Evelyn Rosa do. "O Dipanda tcha-tcha Tozui e": história e conexões culturais através da rumba congoleza (1940-1965). Tese (**Doutorado em História Social da Cultura**) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

_____. Ohé Sukaya rumba: libertação, identidades e conexões através da rumba congoleza. In: ALVES, Amanda Palomo; MACHADO, Carolina Bezerra; FLORES, Marilda dos Santos. (Org.). **Experiências, saberes e práticas culturais em África**: literatura, música e cinema. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

NASCIMENTO, Washington Santos. **Jogo nas sombras**: realidades misturadas, estratégias de subjetivação e luta anticolonial em Angola (1901 ? 1961). 323. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020.

_____. Luhuna, o "cirurgião das chuvas": poder, agências e guerras de um Nkhumbi (sudoeste africano, XIX-XX). In: Matheus Serva Pereira, Silvio de Almeida Carvalho Filho, Washington Nascimento. (Org.). **Pegadas no rio, sombras no tempo Biografias**, histórias de vida e trajetórias africanas. 1ed.São Paulo: Selo Negro Edições, 2024, v. , p. 91-116.

OWEN, Hilary. **Mother Africa, father Marx**: women's writing of Mozambique — 1948-2002. Lewisburg: Bucknell University Press, 2007.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

PAREDES, Margarida. **Combater duas vezes**: mulheres na luta armada em Angola. Portugal: Versos da História, 2015.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. Palcos do império: o teatro português em Angola durante o Estado Novo (1930-1950). **Tese (Doutorado em História)** — Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SEGATO, Rita. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial, **E-cadernos CES**, 18, 2012, p. 106-131.

SHIWEDA, Napandulwe. Omhedi: Displacement and Legitimacy in Oukwanyama politics, Namibia, 1915–2010. **Dissertation an der Universität des Westkaps**, Kapstadt 2011.

SILVA, Mário Rui. Sara Chaves: as chaves dos seus cantos. **Revista Austral**, n. 61, 18 jul. 2010.

TALI, Jean-Michel Mabeko. **Dissidências e poder de Estado**: o MPLA perante si próprio. Luanda: Nzila, 2001.

TELO, Florita Cuhanga António. **Angola**. A trajectória das lutas pela cidadania e a educação em Direitos Humanos. Luanda: Mayamba. 2022;

WEZA, José. **O percurso histórico da música urbana luandense**: subsídio para a história da música angolana. Luanda: Sopol, 2007

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



UESB



Colegiado do curso de
DANÇA

